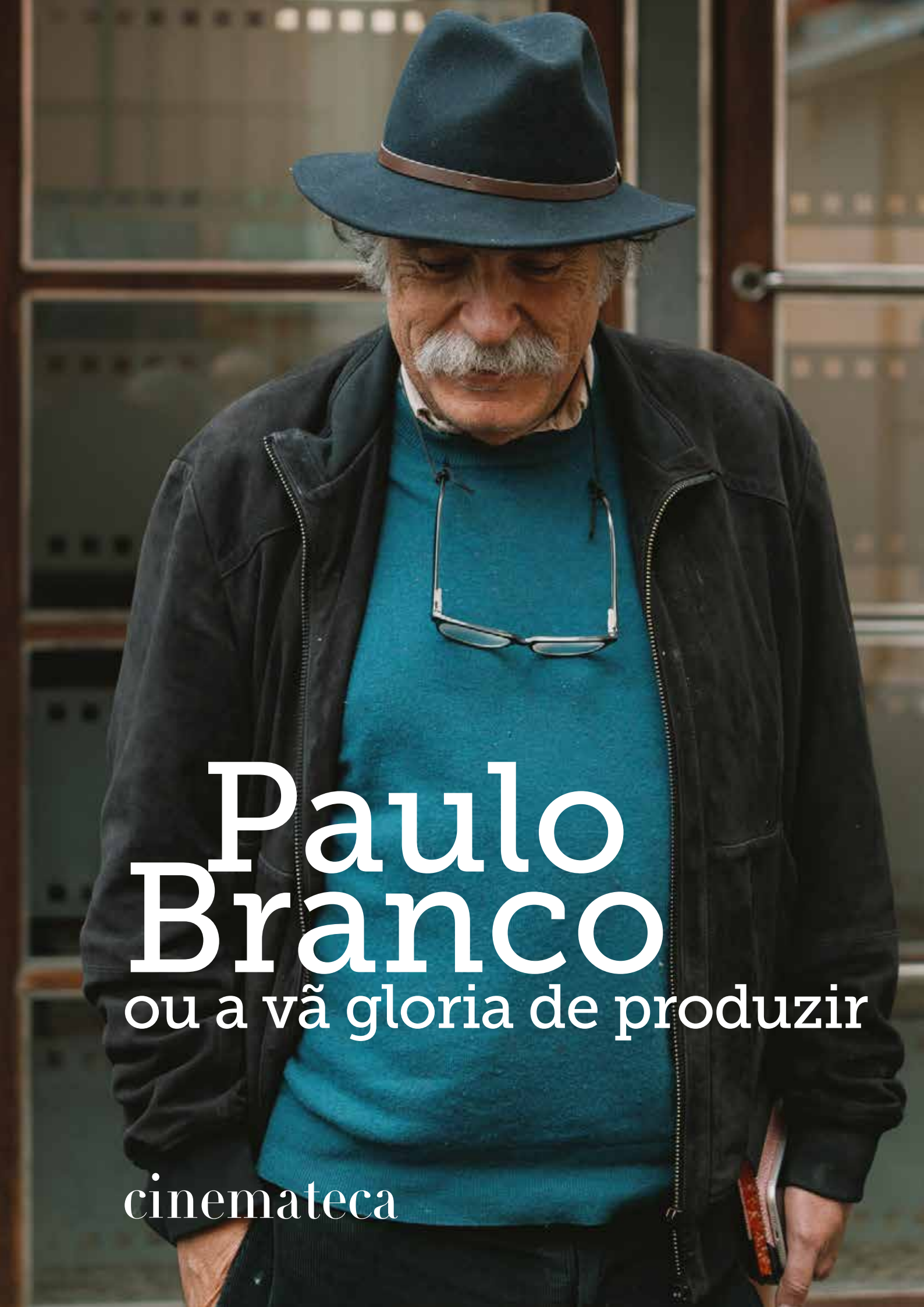


A portrait of Paulo Branco, an elderly man with a grey mustache, wearing a dark blue fedora, a teal sweater, and a black jacket. He is looking down, and his glasses are hanging from his neck. The background is a blurred interior with glass panels.

Paulo Branco

ou a vã glória de produzir

cinemateca

Paulo Branco nasce em Lisboa a 6 de junho de 1950. É criado com o gosto pelos cavalos (a sua outra grande “paixão”) em Alcochete. Entre 1967 e 1971 frequenta o curso de engenharia química do Instituto Superior Técnico (que abandona a três meses do termo da licenciatura), altura em que tem o primeiro contacto com o cinema, como assistente de produção no primeiro filme de António-Pedro Vasconcelos, PERDIDO POR CEM. Quando rompe com os estudos, vai para Londres onde vive de biscates e desenvolve a cinefilia. Encara esta estadia como uma antecâmara do sonho de Paris, onde chega em 1973. O acaso e uma madrugada de chuva fazem-no conhecer Frédéric Mitterrand. A convite deste torna-se programador das salas do Olympic-Entrepôt, Pagode e Artistic Voltaire, entre 1974 e 1976.

A 5 de outubro de 1977, abre a sua própria sala, o Action République, vocacionada como sala de arte e ensaio para mostrar a modernidade cinematográfica. É aqui que estabelece e consolida contactos com realizadores que mais tarde produz, como Biette e Ferreira Barbosa, mas também Ruiz, Wenders e Tanner. É também nesta sala que inicia a ligação a Oliveira, programando AMOR DE PERDIÇÃO depois do filme ter sido liquidado em Portugal na sequência da exibição da versão televisiva a preto e branco de seis episódios. O impacto do rasto crítico da sua passagem em Paris marca o princípio do reconhecimento internacional de Oliveira com um consequente reajuste de posições em Portugal face a ele.

Em 1979, com a necessidade de emergência de novos produtores para ultrapassar um impasse que favorecia correntes de defesa de um cinema comercial em Portugal, é a conjuntura da situação portuguesa a pô-lo no caminho da produção. A proposta chega-lhe do próprio Instituto Português de Cinema através de António da Cunha Telles. Funda a V.O. Filmes com António-Pedro Vasconcelos de que a primeira produção é o filme deste último, OXALÁ. Seguem-se outros três: SILVESTRE de Monteiro, CONVERSA ACABADA de Botelho e FRANCISCA de Oliveira

1981 é o ano da sua primeira produção francesa: LOIN DE MANHATTAN, de Jean-Claude Biette, que é rodado um fim-de-semana por mês durante cinco meses. Branco começava uma vida a partir daí dividida entre Portugal e França. O elenco dos realizadores com quem tem trabalhado é esclarecedor da sua atitude artística como produtor: além dos quatro realizadores já citados (só de Manoel de Oliveira, produziu, entre 1981 – FRANCISCA – e 2004 – O QUINTO IMPÉRIO –, 20 filmes), de cineastas portugueses produziu obras de – e sem sermos exaustivos – José Álvaro de Moraes, Jorge Silva Melo, José Fonseca e Costa, Luís Filipe Rocha, Teresa Villaverde, José Nascimento, Pedro Costa, Fernando Lopes, Rita Azevedo Gomes, Margarida Gil, Sérgio Graciano... Lançou, ou seja, produziu as primeiras longas-metragens de João Mário Grilo, João Canijo, Mário Barroso, Marco Martins, Raquel Freire, Tiago Guedes...

No plano internacional, além de Raoul Ruiz, que é o realizador estrangeiro com quem manteve uma relação mais prolífica (16 filmes entre THE TERRITORY de 1981 e MISTÉRIOS DE LISBOA de 2010), esteve ligado quer a autores já consagrados como Jean-Claude Biette, Robert Kramer, Alain Tanner, André Téchiné, Wim Wenders, Werner Schroeter, Chantal Akerman, Jerzy Skolimowski, Andrzej Zulawski, Philippe Garrel e David Cronenberg, quer lançando ou impulsionando autores emergentes como Laurence Ferreira Barbosa, Cédric Khan, Sharunas Bartas, Olivier Assayas, Mathieu Amalric ou Paul Auster. Produziu também os primeiros de atores tão famosos como Michel Piccoli ou Fanny Ardant.

Produzindo simultaneamente filmes com meios de produção significativos à escala europeia, como LE SOULIER DE SATIN, NON, OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR de Oliveira ou LE TEMPS RETROUVÉ, de Ruiz e filmes de baixo orçamento, Paulo Branco – e será essa uma das maiores virtudes – constrói um sistema em que cada filme é um caso único, possibilitando a existência de obras individuais refletindo a singularidade dos universos dos realizadores com quem trabalha.

Em 1989, e após as dificuldades sentidas em distribuir as obras que produz, lança-se como distribuidor e exibidor. Começa com duas salas no Fórum Picoas, em Lisboa, e em meados dos anos 90, no seu auge, gere mais de 25 cinemas e cerca de 50 ecrãs espalhados por todo o país. Mais recentemente, a par da área de distribuição, “regressou” como programador nas salas que detém, em particular o cinema Nimas, em Lisboa, e o Teatro do Campo Alegre, no Porto.

“O mais europeu dos produtores”, Paulo Branco é, desde 2007, diretor do LEFFEST, festival de cinema fundado por si.

SETEMBRO 2026

Vamos dar início, neste mês, ao mais ciclópico ciclo que esta casa já organizou: um ciclo integral do produtor Paulo Branco, ou seja, um programa composto pelas cerca de 270 longas-metragens que produziu ao longo de mais de 45 anos, entre 1980 e a atualidade. O modelo definido para esta descomunal mostra é o seguinte: vamos apresentar dez filmes por mês ao longo de (pelo menos) dois anos e meio. A ordem de apresentação não é cronológica, nem tão pouco por realizador. Em cada mês serão escolhidos e misturados filmes das quase cinco décadas de trabalho que Paulo Branco já leva como produtor. Haverá também, com regularidade mensal, uma conversa mais desenvolvida com Paulo Branco (que, para além disso, e também na medida da sua disponibilidade, acompanhará algumas sessões), onde se falará dos filmes exibidos durante o mês em questão. No arranque deste longo ciclo que se prolongará até 2029 incluímos ainda um preâmbulo para ilustrar a primeira etapa de Paulo Branco no cinema – a de programador –, apresentando cinco dos filmes que exibiu no cinema Action République, em Paris.

▶ Sexta-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR

de Manoel de Oliveira

com Luis Miguel Cintra, Diogo Dória,
Miguel Guilherme, Luís Lucas

Portugal, Espanha, França, 1990 – 111 min / legendado em inglês | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Em NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR, a História de Portugal é vista à luz das suas derrotas, contada pelo Alferes Cabrita aos homens da sua companhia em plena Guerra Colonial. Eis um filme sobre militares em guerra que evocam momentos da História, e que termina com a morte do Alferes Cabrita no dia 25 de Abril de 1974. É também um filme sobre os "Non" da História de Portugal – "Terrível palavra é um Non. Não tem direito, nem avesso: por qualquer lado que o tomeis, sempre soa, e diz o mesmo" (Padre António Vieira). E sendo tudo isso, é, como sugeriu Manoel de Oliveira, "uma espécie de versão de *Os Lusíadas* virada do avesso", já que destaca os desaires na nação. E sendo uma (in)versão trágica da epopeia, não deixa de lhe prestar homenagem, numa das sequências mais fulgurantes de criatividade e erotismo, aquela que o realizador dedica ao episódio da Ilha dos Amores.

▶ Sábado [12] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BRITISH SOUNDS

de Grupo Dziga Vertov

Reino Unido, 1969 – 52 min / legendado eletronicamente em português | M/12

No período em que esteve em Londres a filmar ONE PLUS ONE Jean-Luc Godard recebeu uma encomenda de uma estação britânica (a London Weekend Television) para um filme, que ele aceitou e correalizou com Jean-François Roger. O filme, uma investigação das condições de vida do operariado britânico (BRITISH SOUNDS começa numa linha de montagem de automóveis, num eco fortíssimo de WEEKEND), de permeio a reflexões sobre a revolução e as suas possibilidades, viria a ser recusado pela televisão, que abdicou de o exibir. Foi lançado em sala, como filme do Grupo Dziga Vertov, e é um dos objetos mais fascinantes do legado do coletivo.

▶ Segunda-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

TRÁS-OS-MONTES

de António Reis, Margarida Cordeiro

com habitantes de Bragança e Miranda do Douro

Portugal, 1976 – 111 min / M/12

Juntos, António Reis e Margarida Cordeiro assinaram uma das mais singulares obras do cinema português, construída nos anos 1970/80 em TRÁS-OS-MONTES, ANA e ROSA DE AREIA: o máximo de originalidade com o máximo de modernidade. Sobre TRÁS-OS-MONTES, canto de amor a uma região e uma das obras máximas do cinema português, observou Fernando Lopes: "É talvez a primeira vez no cinema português que um filme estabelece uma síntese dialética ambiciosa quanto ao que os sociólogos chamam de cultura popular". A apresentar em cópia digital.

▶ Terça-feira [15] 19h30 | Sala Luís de Pina

LA SALAMANDRE

A Salamandra

de Alain Tanner

com Bulle Ogier, Jean-Luc Bideau, Jacques Denis,
Véronique Alain, Marblum Jéquier

Suíça, 1971 – 124 min / legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Na passagem dos anos sessenta para os setenta, o jovem cinema da Suíça francófona teve grande reconhecimento internacional, no circuito crítico, nos festivais e nos cinemas de arte. Alain Tanner foi o nome mais conhecido deste cinema, ao lado de Claude Goretta e Michel Soutter. LA SALAMANDRE, apresentado na Quinzena dos Realizadores, em Cannes, foi provavelmente o filme que melhor fez conhecer este cinema. A partir de um argumento co-assinado com John Berger, Tanner filma a história de Pierre, um jornalista contratado para escrever um argumento para a televisão suíça a partir de um caso verídico do passado recente que envolve a acusação de homicídio a uma rapariga que teria disparado sobre um tio. Com um amigo escritor, Paul, Pierre aborda a história segundo duas perspetivas diferentes, recorrendo a entrevistas e imaginando as personagens a partir dos factos conhecidos. A premissa narrativa de partida é portanto um argumento em processo de escrita. A preto e branco, o filme foi filmado em 16 mm e ampliado para 35 mm, com uma imagem bastante contrastada. A apresentar em cópia 35mm.

▶ Quarta-feira [16] 19h30 | Sala Luís de Pina

L'HYPOTHÈSE DU TABLEAU VOLÉ

de Raúl Ruiz

com Jean Reno, Jean Rougeul, Anne Debois, Chantal Palay

França, 1979 – 66 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um colecionador possui uma série de quadros atribuídos a Frédéric Torre, pintor do século XIX. O desaparecimento de uma das telas dará azo às mais diversas especulações. Há então que encontrar este quadro invisível e resolver o enigma que poderia dar um sentido ao conjunto da coleção, pesquisa que recorre a um invulgar dispositivo. Argumento de Klossowski e de Ruiz, a partir de *Le Baphomet*, da autoria do primeiro.

▶ Sexta-feira [18] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

CENDRES ET SANG

Cinzas e Sangue

de Fanny Ardant

com Ronit Elkabetz, Abraham Belaga, Marc Ruchmann

França, Roménia, Portugal, 2009 – 105 min / legendado em português | M/12

COM A PRESENÇA DE FANNY ARDANT E PAULO BRANCO

Estreia de Fanny Ardant na realização, CINZAS E SANGUE conta a história do regresso trágico de Judith (Ronit Elkabetz), exilada com os três filhos em Marselha desde o assassinio do marido dez anos antes, ao seu país natal. Fanny Ardant tinha o desejo de contar uma história, esta história. "E então apareceu o Paulo Branco! Ele embarcou nesta aventura sem se deixar intimidar pela minha falta de experiência nem por mais nada." Primeira exibição na Cinemateca, a exibir em cópia 35mm.

A presença de Fanny Ardant em Portugal conta com o apoio da Fundação D. Luís I

▶ Sábado [19] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

OXALÁ

de António-Pedro Vasconcelos

com Manuel Baeta Neves, Marta Reynolds, Laura Soveral,
Judite Maigre, Lia Gama, Ruy Furtado, Karen
Blangueron, Teresa Madruga, Adelaide João

Portugal, 1980 – 133 min | M/12

Entre 25 de Abril de 1974 e outubro de 1978, um jovem exilado em Paris faz várias viagens a Portugal, experiência que o argumento de OXALÁ trabalha através de uma série de retratos femininos. "De OXALÁ dizia-se que era um

filme de mediações ('só se tem acesso ao que se deseja através de mediações', escreveu Eduardo Prado Coelho). Permita-se-nos deslocarmos ligeiramente a mesma ideia: OXALÁ é o desejo de pôr em imagens uma memória possível do "25 de Abril" mediado por uma forma cinematográfica alheia" (M.S. Fonseca). A apresentar em cópia digital.

► Segunda-feira [21] 19h30 | Sala Luís de Pina

BORDER LINE

de Danièle Dubroux

com Danièle Dubroux, David Léotard,
André Dussollier

França, Suíça, 1992 – 90 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Na entrada de 6 de julho do seu "Diário do ano passado" (Trafic, inverno 1991), Serge Daney escreve: "Há muito que o termo 'cinema de autor' já não significa nada. Devíamos abandoná-lo. Até mesmo 'cinema pessoal' perdeu o seu significado. Perante o extraordinário BORDER LINE, apetece-nos mais falar de um filme 'na primeira pessoa do singular' (...)". Um filme subtil e intimista, sobre a derivativa mental de uma mulher (a "mulher-personagem-realizadora-atriz Danièle Dubroux", ainda nas palavras de Daney) convencida de que o seu amante é também o seu filho.

► Sábado [26] 16h00 | Sala Luís de Pina

AMOR DE PERDIÇÃO

de Manoel de Oliveira

com Cristina Hauser, António Sequeira Lopes,
Elsa Wallenkamp, Ruy Furtado

Portugal, 1978 – 261 min | M/12

A sessão decorre com um intervalo de 10 minutos

O *Amor de Perdição* de Camilo Castelo Branco por Manoel de Oliveira, num dos seus mais extraordinários filmes, realizado com imensas dificuldades. Foi este filme que tornou internacionalmente conhecido o nome de Manoel de Oliveira, ao ser apresentado em Paris na Semana dos *Cahiers du Cinéma* e fez com que ele comesse, aos setenta anos, uma nova e prolífica carreira. A adaptação de Oliveira respeita o texto de Camilo quase na íntegra. "AMOR DE PERDIÇÃO é um dos filmes mais espetaculares que existem no sentido mais genuíno da palavra. A cada elemento narrativo é permitido o seu próprio espetáculo, fugindo ao hábito de pô-los de acordo, dissolvidos no espetáculo global. É pois o próprio cinema que aqui se exhibe cinematograficamente ao encenar-se deste modo a própria representação. E a tensão, ao longo de quatro horas de filme nunca cessa de se adensar até ao despedaçamento dos seres" (José Navarro de Andrade).

► Quarta-feira [30] 18h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CONVERSA COM PAULO BRANCO

Na primeira das conversas que, uma vez por mês, irão pontuando este longuíssimo ciclo sobre o percurso de Paulo Branco no cinema, o produtor irá abordar os filmes exibidos durante este primeiro momento do programa e resgatar algumas memórias ligadas à sua génese e à sua relação com os realizadores que os dirigiram.

Entrada gratuita mediante levantamento de bilhete uma hora antes do início da sessão.

► Quarta-feira [30] 21h00 | Sala Luís de Pina

BRANCA DE NEVE

de João César Monteiro

com as vozes de Maria do Carmo, Reginaldo da Cruz, Ana
Brandão, Luís Miguel Cintra, Diogo Dória, João César
Monteiro

Portugal, 2000 – 72 min | M/12

A BRANCA DE NEVE de João César Monteiro adapta uma peça de Robert Walser que retoma o conto dos irmãos Grimm: salva pelo beijo do Príncipe ao sono das trevas, Branca de Neve confronta a madrasta e o caçador que esta incita a apunhalar a enteada. João César Monteiro deixou a tela quase sempre negra, com raras imagens de outra cor e as imagens sonoras (as vozes dos atores). Na altura deu brado e foi o escândalo, mas já não vale a pena voltar a ele. Vale a pena é voltar a ver BRANCA DE NEVE, outra vez e outra vez, no escuro da sala, no quarto escuro.



OUTUBRO 2026

Ao longo do mês de outubro, o grande ciclo dedicado ao trabalho de Paulo Branco como produtor apresenta mais dez filmes. Relembramos que os critérios adotados em cada mês são: a) mostrar um filme por cada uma das cinco décadas do percurso de Paulo Branco; b) não repetir realizadores. Tudo mais é intuitivo.

Neste mês temos, pois, representados 10 realizadores (ou melhor 11, já que *A CRIANÇA* é assinado por dois autores). Dos dez títulos a apresentar, quatro (*A CRIANÇA*, *FREEDOM*, *ORDEM MORAL* e *L'HOMME QUI A PERDU SON OMBRE*) são primeiras exhibições na Cinemateca. Também neste mês (tal como em setembro com Fanny Ardant), vamos ter a oportunidade de ver um filme – *LA PLAGÉ NOIR* – da autoria de um dos maiores atores franceses da sua geração: Michel Piccoli. Manoel de Oliveira continua representado: Depois de *NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR* (exibido no mês passado) é vez de podermos (re)ver essa obra magistral que é *FRANCISCA* (primeiro filme de Oliveira produzido por Paulo Branco). Do programa deste mês constam ainda *BAZAR*, da cineasta suíça Patricia Plattner e o singularíssimo *LE MARIAGE À TROIS*, única colaboração entre Paulo Branco e o já conceituado realizador Jacques Doillon. No dia 26, às 18h00 organiza-se nova conversa com o produtor sobre o programa e autores apresentados no mês, a que se seguirá uma “pérola” pouco vista de João Botelho: *NO DIA DOS MEUS ANOS*.

► Quinta-feira [01] 21h45 | Sala M. Félix Ribeiro

L'ENFANT

A Criança

de Marguerite de Hillerin, Félix Dutilloy-Liégeois
com Grégory Gadebois, João Arrais, Maria João Pinho

Portugal, França, 2022 – 109 min / legendado em português | M/12

Em meados do século XVI, nos arredores de Lisboa, Bela, um jovem adoptado por um casal abastado de comerciantes franco-portugueses, procura encontrar o seu lugar na família. Apaixona-se por Rosa, uma jovem ligada a um mosteiro, e estabelece uma amizade próxima com Jacques, amigo dos seus pais adotivos, num momento em que Lisboa, centro de um império em expansão, começa a sentir o declínio do seu poder e o endurecimento da Inquisição. Livrementemente adaptado de *L'Enfant trouvé*, de Heinrich von Kleist, este é o primeiro filme de Marguerite de Hillerin e Félix Dutilloy-Liégeois. Primeira exibição na Cinemateca.

► Sexta-feira [02] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

FREEDOM

Liberdade

de Sharunas Bartas

com Valentinas Masalskis, Fatima Ennaflaoui, Axel Neumann

França, Portugal, Lituânia, 2000 – 96 min / legendado em português | M/12

Três homens fogem através do deserto depois de um negócio de droga falhado. Um deles desaparece durante a fuga, os outros dois acabam por chegar à casa de uma mulher que vive isolada junto ao mar. A sua presença perturba o equilíbrio daquele lugar, onde estes, sem partilharem a mesma língua, comunicam sobretudo através de gestos. Primeira exibição na Cinemateca, a apresentar em cópia 35mm.

► Sábado [03] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ORDEM MORAL

de Mário Barroso

com Maria de Medeiros, Marcello Urgeghe,
João Pedro Mamede

Portugal, 2020 – 101 min / M/12

Maria Adelaide Coelho da Cunha, herdeira do *Diário de Notícias*, abandona, em 1918, o marido, o filho e a vida privilegiada no Palácio de São Vicente de Fora para fugir com Manuel Claro, o jovem motorista da família. Onze dias depois, os dois são encontrados e separados, e Maria Adelaide é internada num hospital psiquiátrico por iniciativa do marido, que procura fazer passar a sua decisão por um ato de loucura. *ORDEM MORAL*, de Mário Barroso, parte de um caso real que marcou a sociedade portuguesa do início do século XX e acompanha a história de uma mulher que desafia as convenções sociais e familiares do seu tempo. Primeira exibição na Cinemateca.

► Terça-feira [06] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE MARIAGE À TROIS

O Casamento a Três

de Jacques Doillon

com Pascal Greggory, Julie Depardieu, Louis Garrel,
Agathe Bonitzer, Louis-Do de Lencquesaing

França, 2009 – 100 min / legendado em português | M/12

A história é a de um dramaturgo que recebe em casa os protagonistas da sua nova peça numa ocasião que fica marcada pelo tumulto causado pela presença conjugada das suas ex-mulher, nova amante e jovem assistente. O processo criativo e os jogos sentimentais estão no centro de *LE MARIAGE À TROIS*, uma “fantasia inspirada no *Inferno* de Strindberg”. “Um filme solar e lúdico [...]. Entre Marivaux,

Musset e Tchekhov é uma comédia amorosa onde as portas batem, as pessoas se zangam, entram e saem, acariciam-se e dizem palavras cruas, e põe em cena um clássico trio amoroso (marido, mulher e amante), unidade de espaço (uma casa de campo), unidade de tempo (o espaço de um dia), unidade de ação (uma comédia de recasamento)” (J.B. Morain, *Les Inrockuptibles*).

► Quinta-feira [08] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

BAZAR

de Patricia Plattner

com Vimala Pons, David Gobet, Nathalie Pfeiffer,
Jean-Pierre Gos, Hectir Perez-Brito, Pedro Hestnes

França, Portugal, 2009 – 108 min / legendado em português | M/12

Gabrielle é apaixonada pela vida e pelo seu trabalho de antiquária. Mas esse mundo desaba no dia em que recebe uma ordem de despejo da sua loja, no mesmo momento em que descobre que vai ser avó. Quando os amigos a aconselham a mudar de vida ela vira-lhes as costas e envolve-se numa aventura amorosa com Fred, um jovem escultor de origem portuguesa com 25 anos, que vive do outro lado da fronteira.

► Sexta-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

L'HOMME QUI A PERDU SON OMBRE

de Alain Tanner

com Francisco Rabal, Dominic Gould, Ángela Molina

Suíça, Espanha, França, 1991 – 102 min / legendado em português | M/12

Depois de se demitir do jornal parisiense onde trabalha, Paul abandona a mulher e o filho e parte para a Andaluzia. Aí procura refúgio junto de Antonio, um velho comunista que regressou a Espanha depois de um longo exílio em França. Enquanto Paul tenta afastar-se da vida que deixou para trás, Anne, a sua companheira, e Maria, uma antiga amante, partem à sua procura. Alain Tanner cruza uma crise pessoal com o desaparecimento de um mundo marcado pelas utopias sociais. Primeira exibição na Cinemateca.

► Segunda-feira [12] 21h00 | Sala M. Félix Ribeiro

FRANCISCA

de Manoel de Oliveira

com Teresa Meneses, Diogo Dória, Manuela de Freitas,
Mário Barroso, João Guedes

Portugal, 1981 – 167 min | M/12

FRANCISCA é o filme da última heroína da “tetralogia dos amores frustrados” (interpretada por Teresa Meneses). Oliveira filma a partir do romance *Fanny Owen* de Agustina Bessa-Luís (1979), escrito com base em factos verídicos (Porto, século XIX, círculo intelectual e boémio de que fazia parte Camilo Castelo Branco). *FRANCISCA* é um filme de espelhos e reflexos. Uma das obras máximas de Oliveira.



► Terça-feira [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LOIN DE MANHATTAN

de Jean-Claude Biette

com Jean-Christophe Bouvet, Sonia Saviane,
Howard Vernon, Laura Betti

França, 1980 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Com o núcleo de atores que constituía a sua cada vez mais definida "troupe", a segunda longa-metragem de Jean-Claude Biette é um dos seus filmes mais divertidos – à época, Jacques Siclier, crítico do *Le Monde*, chegou a comparar os diálogos aos dos Irmãos Marx. Outro crítico notava que, depois da matéria rivettiana em *LE THÉÂTRE DES MATIÈRES*, *LOIN DE MANHATTAN* se acercava da vizinhança de Eric Rohmer. Em todo o caso, e para além do olhar paródico sobre um círculo da intelectualidade parisiense (o mundo da arte e dos críticos de arte), *LOIN DE MANHATTAN* constrói-se sobre um princípio sumamente biettiano – um mistério, mais ou menos irrisório, mais ou menos *macguffin*: porque é que o pintor René Dimanche passou por um tão longo período de inatividade? É isso que um jovem crítico, acompanhado por uma sua amiga, se propõe descobrir.

► Quinta-feira [15] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA PLAGE NOIRE

de Michel Piccoli

com Jerzy Radziwilowicz, Dominique Blanc, Jade Fortineau,
Teresa Budzisz-Krzyzanowska

França, Portugal, Suíça, Polónia, 2001 – 114 min / legendado em português | M/12

Segunda longa-metragem realizada por Piccoli, *LA PLAGE NOIRE* baseia-se num romance de François Maspero: num país algures no mundo, as personagens despedem-se. Há muitos anos, fizeram a revolução destituindo a ditadura que as governava, mas o novo regime parece-lhes pior que o precedente. Um filme intimista. "Est-ce qu'on peut aimer la vie dans le souvenir des amis morts?"

► Segunda-feira [26] 21h00 | Sala Luís de Pina

NO DIA DOS MEUS ANOS

de João Botelho

com Jessica Weiss, João Lagarto,
André Costa, Madalena Rodrigues

Portugal, 1988 – 65 min | M/12

NO DIA DOS MEUS ANOS faz parte de um filme em episódios, um "género" muito frequente no cinema europeu nos anos 60 e 70, tendo como tema condutor os quatro elementos. João César Monteiro ilustrou a água, Joaquim Pinto o fogo, João Mário Grilo a terra e João Botelho o ar. O realizador explica que "este não era o meu elemento preferido, teria preferido a terra, mas o ar dava-me mais luta", o que era vantajoso para um cineasta que não gosta da facilidade. Como em outros filmes de Botelho deste período, à volta de uma história central há outras histórias, pontuadas pela presença constante do mais impalpável dos elementos, o ar.

► Segunda-feira [28] 18h00 | Sala Luís de Pina

CONVERSA COM PAULO BRANCO

O ciclo é pontuado por uma conversa mensal onde serão abordados os filmes exibidos durante este mês e onde o produtor irá resgatar algumas memórias ligadas à sua génese e à sua relação com os realizadores que os dirigiram.

Entrada gratuita mediante levantamento de bilhete uma hora antes do início da sessão.

CONTINUA...

